

Assentamentos Pré-Históricos nas Ilhas do Litoral Centro-Sul Brasileiro: O Sítio Guaíba (Mangaratiba, RJ)*

Oswaldo R. Heredia**
Marcelo Paiva Gatti**
Maria Dulce Gaspar**
Ângela M. Gonçalves Buarque***

RESUMO

Estudo do sítio arqueológico situado na ilha de Guaíba, Mangaratiba, Rio de Janeiro. Extrapolações preliminares foram construídas para os quatro aspectos abordados: função dos artefatos encontrados, dieta alimentar, nível de aproveitamento dos diferentes nichos ecológicos e densidade populacional. O primeiro tema foi abordado a partir das matérias-primas presentes, tais como pedra, concha, dente e osso, sendo esta última a de maior ocorrência. Quanto ao segundo, nos restringimos quase que exclusivamente aos recursos marinhos (moluscos e peixes) o que, evidentemente, limitou também a análise do aproveitamento dos nichos. Finalmente, a intensidade da ocorrência dos restos alimentares forneceu indícios da densidade populacional, desde a primeira ocupação até seu abandono, possivelmente já em tempos históricos.

INTRODUÇÃO

A pesquisa do Sítio Arqueológico de Guaíba faz parte do projeto "Populações Pré-históricas do Litoral do Estado do Rio de Janeiro" e tem como objetivo um maior conhecimento dos aspectos culturais das antigas populações indígenas daquela área.

A equipe que participou das escavações esteve composta pelo dr. Oswaldo Raimundo Heredia como chefe da Pesquisa, Marcelo Paiva Gatti e Maria Dulce Gaspar de Oliveira, professores da Faculdade de Arqueologia Estácio de Sá e pesquisadores do Setor de Arqueologia do Museu Nacional; Maria Cristina Tenório de Oliveira, João Carlos Goldberg, Elisa Milech e Icléia Roxo Goldberg, bacharéis em Arqueologia e estagiários do Setor de Arqueologia do Museu Nacional da UFRJ. A equipe completava-se com quatro estudantes de Arqueologia das Faculdades Integradas Estácio de Sá, Ângela Maria Gonçalves Buarque, Edna June Mor-

ley, Sandra da Silva Cruz e Sonia Maria de Souza e Castro.

As pesquisas de campo foram financiadas com verbas outorgadas pelo CEPEG, SPHAN e FINEP.

A análise do material cultural coletado em três etapas do trabalho, num total de 25 dias entre os meses de setembro e novembro de 1981 foi parte do projeto de Bolsa de Iniciação Científica concedida pelo CNPq a Ângela Maria Gonçalves Buarque durante o ano de 1982. Este trabalho de análise foi cumprido no laboratório de Arqueologia da Faculdade de Arqueologia e Museologia Estácio de Sá.

ALGUMAS REFERÊNCIAS FISIOGRAFICAS SOBRE A REGIÃO PESQUISADA (Litoral Sul do Estado do Rio de Janeiro)

1. Relevo

O relevo é marcadamente definido pela Serra do Mar, sendo este o principal fator de diferenciação da paisagem. Topograficamente, a região é constituída em sua maior parte por terrenos montanhosos que favoreceram a formação de estreitas planícies aluviais descontínuas ao longo do litoral. A Serra do Mar, formada por rochas do complexo cristalino, com elevações de altitudes variáveis que muitas vezes se estendem até o litoral, é a responsável pelo relevo acidentado e pela costa recortada, onde se insinuam praias em forma de concha, enseadas e ilhas, resultantes do afloramento das escarpas diretamente do oceano.

* Pesquisa financiada pelo CNPq.

** Da UFRJ, Museu Nacional, Setor de Arqueologia; Faculdade de Arqueologia e Museologia Estácio de Sá, RJ;

*** Da UFRJ, Museu Nacional, Setor de Arqueologia;

Nossos agradecimentos aos Professores Elisa Botelho, Martha Locks e Marília C. de Mello Alvim, dos Setores de Malacologia, Vertebrados e Antropologia Biológica, respectivamente, do Museu Nacional, UFRJ; ao Eng. Flávio de Brito e ao Sr. e Srª Ildebrando e Madalena Góes.

2. Clima

Há predomínio do clima quente, úmido, sem estação seca. Do litoral para a serra há ocorrência de pequenas variações em função do relevo, responsável direto pela precipitação e regime pluviométrico e do fator altitude, condicionante das alterações de temperatura. Esta, junto à costa, mantém média anual superior a 22°C.

3. Vegetação

Original da região, a floresta tropical úmida costeira é encontrada principalmente nas encostas e contrafortes da Serra do Mar.

Na Baixada, observa-se uma vegetação típica de áreas alagadas influenciadas pelas marés, o manguezal, constituída predominantemente por espécies de tronco fino e folhas pequenas e grossas, apresentando um aspecto arbustivo bastante intrincado, devido ao emaranhado de raízes aéreas e respiratórias.

Nas encostas rochosas e escarpas próximas ao oceano, desenvolve-se uma flora com características xeromórficas, conseqüência da pouca profundidade do solo, de excesso de evaporação e da exposição solar. As Cactáceas e as Bromeliáceas são exemplares freqüentes desse tipo de vegetação.

Atualmente, em função de alterações provocadas por desmatamento, construção de estrada e empreendimento turístico-industrial, a vegetação natural se encontra bastante modificada. Em lugar das matas, há presença de capoeiras arbustivas em seus vários estágios. Alguma vegetação florestal é ainda encontrada nas áreas protegidas (Parques Nacionais) por legislação específica.

LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO

A ilha Guaíba encontra-se localizada aos 23°00'S.; 44°02'W no município de Mangaratiba (Estado do Rio de Janeiro), numa espécie de mar interior delimitado pela Ilha Grande a Oeste, a ilha de Marambaia ao Leste e a "península" de Mangaratiba e o continente ao Norte. A ilha tem pouco mais de 2 Km de comprimento no sentido L-W e aproximadamente 1 Km e meio no sentido N-S. A distância que a separa de terra firme é de quase 2 Km em linha reta, atravessando um estreito onde o mar alcança profundidades médias de 12m, máxima num único ponto de 23m, e mínima de 2-4m. Todavia, uma ilha menor, Guaibinha, se inter-

cala entre ela e o continente. Guaíba está dominada por duas elevações principais, a maior das quais, de encostas íngremes, alcança 214m.s.n.m. Separadas por pontas, várias praias circundam o contorno da ilha, dentre as quais a de Tapera se reveste de maior importância para nós, uma vez que nela se fixou um grupo humano pré-histórico.

A praia da Tapera, medindo aproximadamente 500m de comprimento, é fechada em ambas as extremidades por rochedos de composição granítica, como a maioria das ilhas da região. A parte posterior da linha de praia tem forma semicircular, cobrindo em sua extensão máxima aproximadamente 200m, onde se acham encravadas as encostas de um morro. Toda essa superfície está coberta de areia, evidenciando variação do nível do mar. Areia fina e limpa indicadora desta flutuação, vai alcançando profundidade menor, à medida que se aproxima do morro.

A aproximadamente 150m, da atual linha de praia, chegando perto da encosta do morro, situa-se o sítio arqueológico Guaíba I, assentado sobre uma antiga praia fóssil (Fig. 1). Os vestígios de ocupação humana pré-histórica, que ocupam uma superfície de aproximadamente 600m², aparecem manifestados por carapaças de moluscos. Hoje, o sítio apresenta uma superfície horizontal como conseqüência de perturbação recente, uma vez que está localizada no quintal da única propriedade da praia. Porém, pela disposição das camadas, que no perfil aparecem inclinadas no sentido S-N, o depósito parece ter apresentado originalmente a forma de um pequeno morrinho cupuliforme.

ESCAVAÇÃO

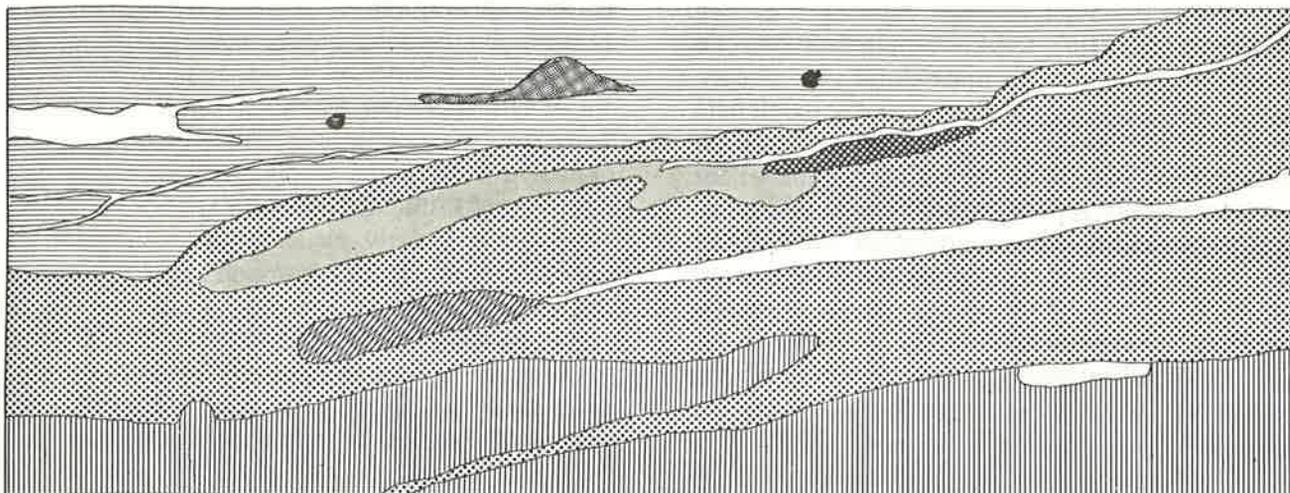
A estratégia de escavação foi determinada pela quantidade de dias de que dispúnhamos, fixada pelo proprietário dos terrenos. Desta maneira, preferimos restringir a área de estudo a uma superfície que fosse bastante ampla para permitir a obtenção de materiais representativos das atividades desenvolvidas no sítio e ao mesmo tempo suficientemente restrita para assegurar que essa unidade de trabalho pudesse ser concluída no tempo pré-fixado.

A não ser o achado acidental de um esqueleto humano, nenhum vestígio especial de importância aparecia na superfície do sítio, de maneira que o local marcado para iniciar a escavação foi escolhido apenas tendo em consideração a possibilidade de alcançar a maior quantidade de sedimentos, isto é, a maior al-

SITIO GUAÍBA-I

Mangaratiba-RJ-1981

Perfil Sul



Obs: Material Arqueológico presente em todas as camadas até a profundidade de 130 cm.

50cm

areia de praia-escura

concentração de conchas

carvão-linha de fogueira

areia escura c/conchas

areia cinza c/conchas

carvão e ossos

conchas queimadas

areia de praia-clara

lítico



tura do sítio. Sobretudo, porque já era possível prever que tratava-se de um depósito pouco profundo.

Assim, delimitamos com estacas e cordas uma área de 24m² tomando a precaução de não incluir nela o poço onde tinha sido encontrado o esqueleto que denunciou a existência do sítio. Com isto, evitamos qualquer fonte de perturbação que eventualmente pudesse ter acontecido com a escavação daquele poço. Foram demarcadas três quadrículas de 2m, de lado no sentido L-W e duas quadrículas no sentido N-S, estas últimas identificadas com as letras F e G e as primeiras com os números 14, 15 e 16. Desta maneira, outras quadrículas poderiam ser abertas futuramente, numa ou em outra direção.

A área demarcada foi raspada superficialmente com o objetivo de limpá-la de qualquer resto intrusivo moderno ou gramíneas.

Na escavação que se seguiu foram utilizadas pequenas ferramentas tais como pazinha de pedreiro de 15cm de folha, espátulas de metal, pinças e trinchas com menos de 3cm de largura, e pincéis. Uma escavadeira de folha plana foi esporadicamente utilizada para acertar, nível por nível, a verticalidade das paredes da escavação.

A escavação foi feita em níveis artificiais, de 10 em 10cm, com exame minucioso dos sedimentos; em seguida eram passadas em peneiras com malhas de 0,3cm com o objetivo de recuperar a maior quantidade de materiais. O uso da peneira viu-se facilitado pelo fato dos sedimentos serem soltos e formados essencialmente por areia de origem eólica, além dos elementos culturais. Nas quadrículas onde apareceram sepultamentos, os sedimentos foram peneirados até 60-70cm, em tanto que nas restantes (14F e 14G) continuou-se com a operação até o início das camadas estéreis, isto é, 130cm de profundidade. A utilização da peneira, como segundo passo da operação de localização de itens culturais, posterior à minuciosa *in situ*, prendia-se à necessidade de registrar todas as associações possíveis entre objetos ou traços que poderiam perder-se caso o sedimento fosse levado diretamente às peneiras e os materiais localizados só nelas. Assim, possíveis áreas de atividade especializada ficariam desmanchadas. A localização de todos os objetos e traços significativos foi registradas tomando-se medidas referidas às paredes N e L, além da profundidade correspondente, com o objetivo de reunir dados que pudessem informar sobre a organização espacial do sítio. Apesar

de todas as precauções tomadas, alguns artefatos de osso não foram determinados como tais *in situ*, sendo identificados somente quando encontravam-se na peneira ou mesmo posteriormente no laboratório, misturados nos sacos junto ao material ósseo, resíduo de comida e sem qualquer trabalho.

PERFIL ESTRATIGRÁFICO

A disposição das camadas que resultaram da ocupação humana pré-histórica do sítio foi registrada ao final da escavação, através de desenho em papel milimetrado e fotografias da totalidade das paredes e dos diferentes setores. Para facilitar a tarefa de registro do perfil, a parede foi subdividida com barbantes determinando-se quadrados de 0,50m de lado, cujo conteúdo estratigráfico foi desenhado um por um.

O objetivo do levantamento *a posteriori* da escavação visou a determinação das variações das sucessivas épocas de ocupação local.

As diferentes camadas registradas em Guaíba indicam que, no decorrer do tempo houve sucessivas ocupações que, mesmo não mostrando diferenças culturais significativas entre elas, deixaram marcas diferentes no perfil.

O registro dos perfis correspondentes às quatro paredes de escavação, quando for possível, permitirá acertar os erros que possam sobrevir por causa da escavação pela técnica de camadas artificiais. Desta maneira, todos os objetos e traços encontrados durante a escavação, localizados exatamente no espaço através das distâncias às paredes N e L e da profundidade, poderão posteriormente no laboratório ser plotados sobre o desenho das camadas naturais registradas nos perfis. Esta técnica não oferece maiores erros que a escavação por níveis naturais, os quais nem sempre podem ser detectados e separados facilmente durante uma escavação de cima para baixo.

Como etapa final de escavação foi feita a leitura do perfil estratigráfico, mais nítido na parte Sul, em função da ausência dos esqueletos; as camadas estratigráficas foram plotadas em papel milimetrado, estabelecendo-se um código diferencial representativo para cada uma delas. Nesta leitura foram marcados nove horizontes diferentes, que não necessariamente são válidos para toda a área escavada. Uma divergência é comum e as paredes

N-S apresentam pontos discordantes. Nos acampamentos de caçadores-coletores litorâneos, esta situação está sempre presente; as camadas não se apresentam de forma uniformemente horizontal, uma vez que grande diversidade de materiais vão se acumulando de forma desordenada.

NÍVEL I: Trata-se do nível mais profundo formado por areia de praia de cor amarelo claro. É estéril do ponto de vista arqueológico, a não ser pela presença de algumas conchas e ossos que provavelmente deslizaram desde camadas superiores, introduzindo-se na areia frouxa. A camada é mais profunda no Setor Norte (direção ao mar) que no Sul (direção ao morro), mostrando a inclinação natural da antiga praia sobre a qual o homem pré-histórico assentou-se pela primeira vez. Esta primeira ocupação está indicada por uma fogueira de 40 cm de comprimento e 10 cm de altura, que ocupa a parte superior do Nível I, no Setor L da escavação.

NÍVEL II: Este nível assenta-se logo acima do anterior e estende-se em todo o Setor Sul, mas somente na metade do Setor Norte. Está formado por conchas de mariscos, restos de peixes e artefatos diversos. No setor Sul começa a partir de 105cm de profundidade, enquanto no Setor Norte alcança 150cm.

NÍVEL III: Está formado por areia clara amarelada, do mesmo tipo que a do Nível I. Corresponde a um avanço da linha de praia que invadiu parcialmente o acampamento, sobretudo no Setor Norte, mas deixando livre a maior parte do Setor Sul. Sua maior profundidade varia entre 130 cm (N) e 100 cm (S).

NÍVEL IV: Camada semelhante ao Nível II, apenas separada deste pela intrusão do Nível III no Setor Norte, mas sem separação evidente no Setor Sul.

NÍVEL V: Trata-se de uma camada da fogueira, formada por carvão e restos de comida queimados, que se desenvolve com uma altura de aproximadamente 10 cm em todo o Setor Sul e em parte do Norte. Nesse Setor continua numa concentração de conchas dentro de sedimentos formados por areia de cor cinza.

NÍVEL VI: Camada semelhante ao Nível II e IV, separada deste último pela fogueira e a concentração de conchas que formam o Nível V, na maior parte do perfil, mas sem separação evidente do Nível IV, no Setor Norte. No Setor Sul o Nível VI chega praticamente até à superfície.

NÍVEL VII: Este nível só não está representado numa área do Setor Norte. Consideramos dentro dele três diferentes tipos de concentrações: a) lente de uns 15cm de espessura máxima, formada por areia escura contendo conchas, estendendo-se na maior parte do Setor Norte com uma pequena projeção no Setor Sul; b) lente de 10cm de espessura máxima e 70cm de comprimento, formada por conchas queimadas. Esta lente se sobrepõe parcialmente à lente a) e ao Nível VI; b) camada preta correspondente a uma fogueira de uns 30 cm de espessura que se desenvolve em todo o Setor Sul apoiada sucessivamente sobre o Nível VI e as lentes a) e b).

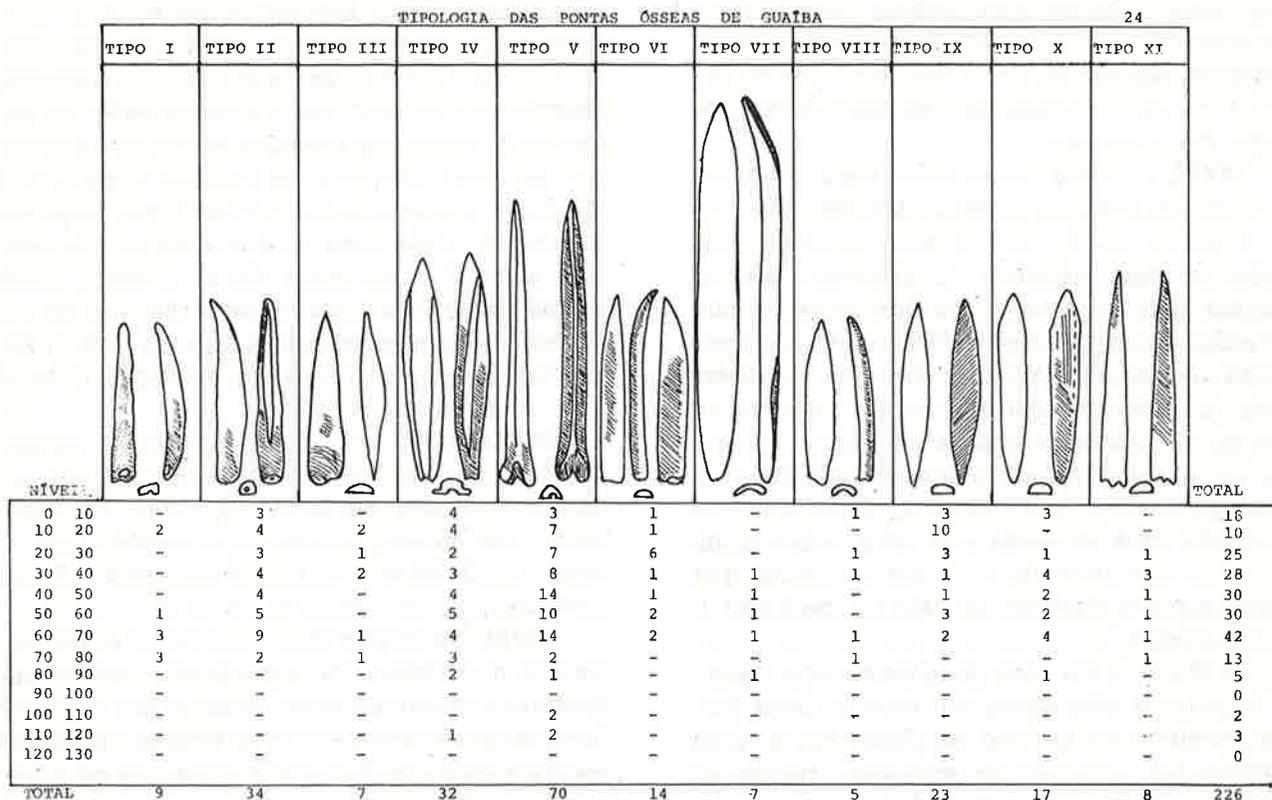
NÍVEL VIII: Com espessura variável se dispõe por cima do Nível VII na maior parte do perfil, mas num pequeno segmento do Setor Norte, não mostra separação evidente com o Nível VI. O Nível VIII não é diferente na sua composição dos Níveis II, IV e VI.

NÍVEL IX: Preferimos considerar como um mesmo nível todos os sedimentos que se encontram a partir do nível anterior até à superfície, os quais mostram uma mesma coloração escura e estão formados por areia fina de praia, provavelmente levados até ali pelo vento. Internamente, o nível mostra dois tipos de estruturas: a) duas linhas de fogueiras as quais, por sua vez, subdividem-se em duas chegando, em consequência, a determinar quatro fogueiras superpostas; b) lente formada por uma concentração de carvão e osso de peixe; as duas estruturas se encontram no setor Norte do perfil.

A tendência das camadas descritas até aqui é a de se dispor em sentido ascendente de Norte a Sul indicando que a escavação foi praticada, não na parte média do depósito, mas no lado Norte. As mesmas camadas devem cair, ou tomar um sentido descendente no setor não escavado do sítio (Sul).

Por outro lado, o Nível I está denunciando um antigo nível de mar e de praia, aproximadamente 2m mais alto que na atualidade. Depois de um certo recuo do mar, a praia foi ocupada por um grupo que deixou os primeiros vestígios no lugar, mas, posteriormente parte do sítio foi invadido pelas areias de uma nova praia indicadora de uma pequena transgressão marinha. Depois destes acontecimentos, o mar continuou num processo regressivo cujas alternâncias não foram estudadas na região, mas, com certeza, não voltaram a afetar o local do assentamento.

Figura 2



SEPULTAMENTOS

Concentrados no setor W do sítio (quadrículas 15F, 16F e 16G) foram escavados sete sepultamentos, correspondendo a cinco indivíduos adultos, dentre os quais dois masculinos, dois femininos e um ainda não definido, e duas crianças de aproximadamente dois anos de idade. Um trabalho em separado,¹ em fase de elaboração, fornecerá informação adicional.

MATERIAL CULTURAL

1. Artefatos de osso

Foram diferenciados 11 tipos de artefatos de osso que genericamente podem ser considerados como pontas. A classificação foi feita a partir de 226 exemplares encontrados durante as escavações e respondeu a critérios

apenas formais. Os tipos determinados são os seguintes (Fig. 2):

TIPO I: Ponta óssea feita de espinha de peixe, apresentando estrias de trabalho por fricção em todas as faces. Este trabalho na extremidade proximal eliminar parcialmente a epífise, conservando propositalmente o orifício natural de articulação, às vezes aumentando seu diâmetro. Foram analisados nove exemplares. O comprimento varia de 2,58cm a 4,10cm e a largura de 0,36cm a 0,46cm.

TIPO II: Ponta óssea feita de espinha de peixe (igual ao tipo I) com ausência da parte superior da epífise, que foi eliminada por corte. Em geral foi mantida a forma curva anatômica da espinha, mas freqüentemente certos setores receberam trabalho de fricção. Foram analisados 34 exemplares. O comprimento varia de 2,35cm a 4,50cm e a largura de 0,30cm a 0,60cm.

¹ O estudo específico está sendo realizado por Sandra da Silva Cruz, com uma Bolsa de Iniciação Científica do CNPq.

TIPO III: Ponta feita de dente de peixe-serra (três casos), osso de mamífero ou ave (três casos), ou espinha de peixe (um caso), apresentando trabalho nas duas faces. Extremidade distal aguçada; extremidade proximal desgastada e achatada por fricção, provavelmente para facilitar encabamento, constituindo seu traço característico. Foram analisados sete exemplares. O comprimento varia de 2,35cm a 4,50cm e a largura de 0,60cm a 0,85cm.

TIPO IV: Ponta óssea feita de espinha de peixe; apresenta "lombo" natural na parte superior e desgaste por fricção na superfície inferior e também, às vezes, na superior. Foram analisados 32 exemplares. O comprimento varia de 2,35cm a 8,00cm e a largura de 0,45cm a 0,80cm.

TIPO V: Ponta óssea feita de espinha de peixe, apresentando trabalho de fricção na superfície inferior e rompimento da parte superior da epífise, resultando uma forma em V. Extremidade distal afinada. Foram analisados 70 exemplares. O comprimento varia de 2,45cm a 7,00cm e a largura de 0,25cm a 0,60cm.

TIPO VI: Ponta óssea feita de espinha de peixe, apresentando trabalho de fricção na superfície superior e inferior. Extremidade distal arrebitada, constituindo-se sua característica. Apresenta superfície inferior achatada e superior abaulada. Foram analisados 14 exemplares. O comprimento varia de 2,80cm a 4,90cm e a largura de 0,45cm a 0,55cm.

TIPO VII: Biponta acanalada feita da metade longitudinal de osso de ave ou mamífero terrestre. Extremidade arrebitada, provavelmente utilizada como farpa para segurar a presa. Foram analisados sete exemplares. O comprimento varia de 4,30cm a 9,50cm e a largura de 0,65cm a 0,85cm.

TIPO VIII: Ponta acanalada feita de osso de ave ou mamífero terrestre cortado longitudinalmente. Foram analisados cinco exemplares. O comprimento varia de 2,20cm a 4,35cm e a largura de 0,35cm a 0,60cm.

TIPO IX: Bispona feita de osso de mamífero (dez casos) ou peixe (um caso), com trabalho de fricção nas laterais e superfície inferior. Foram analisados 23 exemplares. O comprimento varia de 3,10cm a 4,55cm e a largura de 0,40cm a 0,80cm.

TIPO X: Biponta de osso de espinha de peixe, apresentando em ambas as extremidades um leve arrebitamento. Trabalho de fricção na superfície inferior e desgaste acentuado em uma das extremidades, resultando uma forma triangular, que constitui seu traço caracte-

terístico. Foram analisados 17 exemplares. O comprimento varia de 3,70cm a 5,50cm e a largura de 0,45cm a 0,70cm.

TIPO XI: Fragmento de ponta feita de espinha de peixe (da mesma espécie que o do Tipo X) com uma extremidade muito aguçada e a outra ausente por fratura. Trabalho de fricção na superfície inferior e em setores de toda a peça. Foram analisados oito exemplares. O comprimento máximo conseguido foi de 5,00cm e a largura varia de 0,45cm a 0,65cm.

1.1 Inclassificados

Nove fragmentos de pontas com uma das extremidades aguçadas e a outra ausente por fratura, sendo quatro de espinhas de peixe e três de osso de ave ou mamífero terrestre, um esporão de arraia e uma ponta em processo de confecção.

Além das pontas descritas foi encontrada uma espátula feita em osso com 9,5cm de comprimento e forma subtriangular apresentando ranhuras na superfície superior e nas laterais (Fig. 3). A extremidade distal tem a forma de V, conseguida por fricção. Foi encontrada no nível de 50-60cm do Setor 14F.

Outra espátula, (Fig. 3a) fragmentada como a anterior, tem uma gorma sub-retangular, com a extremidade distal trabalhada para produzir uma ponta ampla, pouco aguçada. O corpo mede 3cm de largura (16/60-70cm).

Estes dois artefatos foram produzidos com uma extremidade aguçada, porém, pela largura do corpo, tipologicamente devem ser classificados como espátulas antes que como pontas.

Outros ossos de peixes, mamíferos e aves fragmentados mostram sinais de cortes ou ranhuras, mas nenhum deles é um verdadeiro artefato e sim rejeito de indústria. Quatro diáfises cortadas sugerem que o trabalho em osso foi cumprido no mesmo sítio. As epífises apresentam cortes oblíquos e nunca retos, que avançam ao interior do osso até alcançar o canal medular; depois os cortes são completados com uma leve pressão das mãos. A forma final do artefato foi dada posteriormente aplicando a técnica de fricção.

2. Artefatos ou instrumentos líticos

A indústria da pedra não teve grande manifestação no sítio de Gualba, sendo que a maioria das peças foi utilizada em sua forma natural. Estes instrumentos cumpriram provavelmente as funções de moer, alisar, bater ou como suporte para quebra (Fig. 4).



Figura 3

A matéria-prima utilizada foi o diabásio, o gnaiss e o quartzo. Desta última encontrou-se apenas uma lasca nos primeiros 0,10m de profundidade, complementada com 36 núcleos de pequeno e médio tamanho sem sinais de trabalho ou de uso. Este material é apresentado aqui simplesmente pelo fato de que sua ocorrência no sítio responde a uma atividade humana. Foram levados para a área de habitação pelos habitantes do sítio, porém nada podemos dizer sobre a finalidade a que estavam destinados.

Seixos de diabásio ou gnaiss foram, na sua grande maioria, aproveitados como alisadores ou moedores, função que pode ser observada em 16 dos 29 exemplares recuperados (55%). Trata-se de peças sem formas estandarizadas, mas em geral subesféricas, que mostram sinais mais ou menos intensos de desgaste por fricção em alguma de suas faces. Em certos casos, esse desgaste é pronunciado formando-se superfícies planas pelo uso contínuo; em outros, o desgaste é mínimo. Quatro peças mostraram a concavidade central típica que caracteriza os assim chamados quebracocos, uma das quais apresenta esse traço nas duas faces planas. As formas são variadas, mas a tendência geral é também subesférica. Só quatro exemplares apresentaram sinais de

picoteamento numa ou em duas extremidades, indicando terem sido utilizados para bater.

Dois claros artefatos estão representados por uma mão de mó com desgaste marcado e regular em duas faces, e uma pequena lâmina de machado, aparentemente inacabado em sua manufatura. Enfim, algumas peças mostram sinais de manuseio, como ranhuras ou pequenas áreas desgastadas. Outros líticos vários, sem trabalho nem uso, foram também encontrados nos diferentes níveis do sítio, alguns deles próximos a dois dos esqueletos (E e F).

A distribuição dos artefatos ou instrumentos por níveis no Setor 14G da escavação mostra maior intensidade das atividades que necessitaram dessas ferramentas, na parte superior do depósito, acima dos 0,40m de profundidade (Tabela 1). Apenas três artefatos foram encontrados nos níveis intermédios e nenhum nos níveis profundos, onde aquelas atividades não parecem estar representadas. Com relação às funções que as peças sugerem, a mais representada foi a de alisar ou moer, a julgar pelo desgaste sofrido pelos seixos. Nos restantes setores, onde o material é bem mais escasso, a situação é a mesma: total ausência nos níveis mais profundos e maior concentração nos níveis superiores. Significativa foi uma certa concentração de seixos sem trabalho e sem sinais de uso nas proximidades dos sepultamentos. Num caso, um desses seixos de forma subesférica, encontrava-se depositado sobre a bacia de um esqueleto.

Particular interesse apresenta uma peça de adorno encontrada em associação com o esqueleto A (Fig 5a), nas proximidades do pescoço, sugerindo que foi utilizada como parte de um colar, do qual seria a única peça a ser conservada. Trata-se de um lírico de forma oval de 20cm de comprimento, 10cm de largura máxima e 0,5cm de espessura; apresenta um pequeno orifício numa das extremidades.



Figura 4

TABELA 1

QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DOS ARTEFATOS LÍTICOS

NÍVEL	Lâmina de Machado	Alisador	Quebra-coco	Batedor	Mão-de-Almofariz	Líticos com sinais de uso
0 - 10		1	2		1	1
10 - 20		1				1
20 - 30		3				1
30 - 40	1	1				
40 - 50						
50 - 60						
60 - 70		2				
70 - 80		1				
80 - 90						
90 - 100						
100 - 110						
110 - 120						
120 - 130						

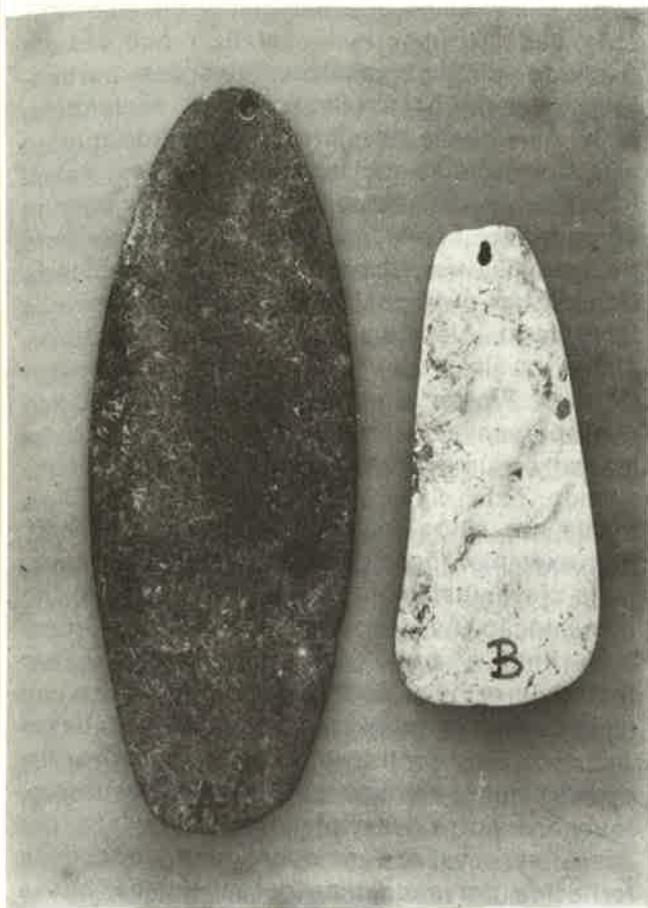


Figura 5

3. Artefatos de concha

A única peça trabalhada em concha foi um exemplar de forma subquadrangular, provavelmente usando como matéria-prima uma valva de *ostrea* (Fig. 5b). Foi encontrada associada com o esqueleto D, próximo ao pescoço, pelo que pode se inferir fazia parte de um colar. Tem 11cm de comprimento, 4,5cm de largura na extremidade dista, 2cm na extremidade proximal e 0,5cm de espessura média.

Pequenos gastrópodes perfurados em ambas as extremidades, da família *olividae*, faziam parte também de um colar encontrado em associação com o esqueleto C. Seu número total foi impossível determinar, uma vez que alguns se perderam devido ao deficiente estado de conservação. Entretanto, foram numerosos exemplares de aproximadamente 0,7cm de comprimento, sendo documentado que o colar dava duas voltas ao pescoço, ficando ainda um segmento suspenso em cuja extremidade encontravam-se quatro dentes de porco-do-mato.

Algumas valvas de *Callixta maculata* (Linnaeus, 1758) cuja concha é particularmente

dura, foram encontradas, apresentando sinais de terem sido manuseadas. A maioria delas mostra um orifício de formas e dimensões variáveis (1 a 2,5cm) na sua parte central, sugerindo a retirada de um fragmento. Outras estão quebradas faltando um pedaço, que às vezes alcança até a metade da peça. Entretanto não foram encontrados artefatos ou adornos feitos a partir dessa matéria-prima. Por outro lado, a *Callixta maculata* parece não ter tido aproveitamento importante como fonte de alimento, uma vez que poucos exemplares foram encontrados.

4. Artefatos de dentes

Os habitantes da ilha Guafba também usavam dentes de animais trabalhados para serem usados como adornos, particularmente contas de colar. Junto ao sepultamento C, correspondente a uma criança de dois anos de idade, próximo à região do pescoço foram encontrados quatro dentes de porco-do-mato (*Tayassu tajaçu*), que constituíam um pendente suspenso do colar formado pelas conchas de *olividae*. Os dentes têm uma média de 5,5cm de comprimento, apresentando um orifício de 0,3cm

de diâmetro na extremidade proximal. Estes orifícios foram praticados com um perfurador de matéria mais dura, provavelmente pedra, ferramenta que, entretanto, não foi localizada nas escavações. As perfurações foram iniciadas desde as duas faces juntando-se no meio, onde o diâmetro é menor.

RECURSOS ALIMENTÍCIOS

A quase totalidade dos alimentos consumidos pelos habitantes do sítio Guaíba teve sua origem no ambiente marinho. Do mar ou das praias foram tirados peixes, moluscos gastrópodes ou bivalves, crustáceos répteis e equinodermos (ouriço), todos destinados essencialmente à alimentação do grupo e, em menor medida, à manufatura de artefatos (de osso e concha). Os restos de fauna terrestre têm uma expressão insignificante, sugerindo que não teve maior importância na alimentação; só foi recuperado um reduzido do número de osso de aves e mamíferos terrestres, produto provavelmente de caçadas esporádicas. Do provável consumo de vegetais só temos uma indicação indireta através dos artefatos líticos, particularmente quebra-coco e alisadores ou mãos-de-mós. Se aceitamos que a função destes era realmente a de auxiliar no processamento de comida de origem vegetal, não temos, entretanto, indicadores de que esses vegetais fossem cultivados ou silvestres. Também é impossível dizer qual a incidência que esses vegetais tiveram na dieta alimentícia.

Num trabalho que ainda está sendo preparado, pretendemos apresentar dados mais detalhados sobre a alimentação das populações pré-históricas do Estado do Rio de Janeiro, dentre outras a população da ilha Guaíba. Entretanto, algumas informações serão oferecidas a seguir.

Como já foi mencionado, todos os sedimentos provenientes da escavação foram passados pela peneira. Assim, foi possível reduzir ao mínimo os riscos de perda de informação. Todos os restos de alimento foram recuperados também desta maneira. Em conseqüência, consideramos que a amostragem deste aspecto é bastante representativa para o setor do sítio escavado. Da análise dos materiais, surgiu que em Guaíba foram consumidos moluscos marinhos, peixes, tartarugas, caranguejos, ouriços, mamíferos terrestres e aves, no que diz respeito a animais.

Os números dos quadros mostram valores aproximados, mas suficientemente expressivos para sugerir certas tendências nos há-

bitos alimentícios dos habitantes do sítio. Por outro lado, é importante enfatizar que resulta bastante difícil estabelecer relações percentuais relativas às diferentes fontes exploradas, tanto em volume de alimento fornecido quanto ao valor protéico derivado de cada uma delas. Para isso, seria necessário recuperar a concha de cada molusco consumido o que, em termos de pesquisa em sítios deste tipo, significaria transportar o depósito quase inteiro para o laboratório. Além disso, as conchas, especialmente bivalves de casca muito fina e frágil (*Mytilus*, *Pinctada*, etc.) e os ossos de peixes que aparecem quebrados, dificilmente poderão indicar o número total de cada espécime consumido. Esta situação se apresenta particularmente nos sítios costeiros em que o mexilhão, por exemplo, constituiu um elemento importante (eventualmente o mais importante) na alimentação. As camadas de mexilhão se mostram finas e muito compactas formadas por restos de milhões de fragmentos de valvas que "mascaram" a verdadeira importância desse recurso. Em contraposição, as camadas de por exemplo, *ostrea*, apresentam-se espessas, formadas por valvas inteiras. Se, de fato, pudesse ser avaliada a quantidade de comida fornecida por cada uma dessas fontes, quase certamente veríamos que o mexilhão contribuiu em maior medida para a alimentação de um grupo em alguns sítios costeiros.

Em Guaíba, a fonte mais importante de alimento parece ter sido a de moluscos (gastrópodes e bivalves), seguida pelo consumo de peixes. Os valores menores para os níveis mais profundos estão sugerindo uma menor densidade de ocupação do sítio, além de uma menor diversidade nos recursos explorados. Sendo difícil, como já dissemos, estabelecer a relação de importância molusco-peixe, parece claro que os poucos habitantes do sítio dos níveis mais antigos consumiram uma menor variedade de recursos, e, por sua vez quando a população aumentou, aumentou também a diversificação de recursos explorados. Ouriços, mamíferos e aves não foram utilizados como alimento nos momentos mais antigos de ocupação, seja porque alguns deles não estavam ambientalmente disponíveis, seja porque sua captura não foi essencial para as necessidades do grupo. A tartaruga, que depois virá a ser importante, parece ter sido pouco procurada nos momentos iniciais. Considerando os dois níveis mais antigos escavados com relação aos dois níveis mais recentes, o consumo de tartaruga parece ter crescido em quase 18 vezes. Usando os mesmos níveis, o consumo de ca-

ranguêjo mostra também um aumento de quase 30 vezes.

O peixe foi consumido desde os momentos iniciais de ocupação, mas seu aproveitamento parece ser mais significativo nas etapas finais (Tabela 2). As evidências recuperadas indicam predomínio de indivíduos de pequeno e médio porte, representados por vértebras de até 3cm de diâmetro. Excepcionalmente aparecem discos intervertebrais de um grande cetáceo que parece ser o resultado de uma pescaria excepcional, antes que uma atividade freqüente. Em cálculos aproximados, os primeiros habitantes do sítio consumiram cinco vezes menos peixe que os últimos povoadores do local.

Os moluscos merecem um tratamento em separado uma vez que parecem ter constituído a base da alimentação em Guaíba (Tabela 3). No total foram recuperados exemplares de 33 espécies diferentes, 19 bivalves e 14 gastrópodes, todos eles produto do ambiente marinho, à exceção do **Drymeus** sp, gastrópode terrestre, com habitat em cavernas. Afóra as valvas de **Callixta maculata** e de uma **Ostrea** sp., nenhuma outra concha foi aproveitada secundariamente para o fabrico de artefatos. A grande maioria das espécies tem seus habitats em águas rasas, de fundo arenoso ou na parte inferior das rochas submersas, ambientes todos presentes nas proximidades da praia de Tapera. A distribuição das espécies por níveis demonstra também, como no caso dos outros recursos explorados, que nos momentos iniciais de ocupação do sítio, apenas nove ou dez espécies foram aproveitadas como alimento, sendo que algumas delas só em pouca quantidade. As restantes estão ausentes desses níveis. Dentre as utilizadas, três gastrópodes (**Astrea latispina**, **Astrea tecta** e **Thais** sp.) e um bivalve (**Pinctada imbricata**) foram os mais freqüentes. A Tabela 3 mostra a distribuição e a freqüência aproximada das diferentes espécies no depósito. Assim, parece claro que **Astrea** sp. (**latispina** e **tecta**), **Cymathium parthenopeum** e **Thais** sp. entre os gastrópodes, e **Pinctada imbricata**, **Spondylus Americanus** e **Chione** sp., entre os bivalves, foram aproveitados durante toda a história de ocupação do sítio. É particularmente notória a falta de certos moluscos, geralmente muito freqüentes em outros sítios litorâneos do Estado do Rio de Janeiro, e que aqui não foram aproveitados, provavelmente por não estarem disponíveis nas proximidades. É o caso da **Lucina pectinatus**, da **Anomalocradia brasiliiana**, do **Mytilus** e da **Ostrea**, esta última com mínima expressão em

Guaíba.

Diante da impossibilidade de recuperar todos os vestígios de moluscos presentes no setor escavado do sítio, devido a sua abundância, só obtivemos uma amostra significativa de cada espécie. O critério seguido foi o de registrar maior número de exemplares das espécies mais representadas e menor quantidade de exemplares das espécies menos utilizadas. Devido ao fato de que nas escavações participaram várias pessoas, é de se esperar que nenhuma delas utilizasse exatamente os mesmos critérios para avaliar o que era "muito" ou "pouco", uma vez que a **priori** seria impossível determinar o volume de conchas de cada espécie que ia ser encontrado. Sabemos que a informação assim obtida não poderá ser processada estatisticamente, mas esta maneira de recuperar o material malacológico servirá para mostrar certas tendências de aproveitamento dos moluscos nas diferentes épocas de ocupação. Por isso, no quadro não oferecemos valores absolutos nem percentagens, mas apenas maior ou menor incidência de cada espécie para cada nível. O valor 5 indica predomínio, mas o fato da mesma espécie ou outra diferente aparecer em dois ou mais níveis distintos com valor 5 não significa que os volumes sejam os mesmos. O valor 1 indica mínima expressão da espécie.

A partir dos materiais estudados no laboratório e das observações realizadas durante as escavações e registradas no caderno de campo, podemos afirmar que o alimento mais consumido foi a **Pinctada imbricata**. Não só predomina na maioria dos níveis, mas também aparece num volume imensamente maior que qualquer outro molusco. As valvas encontradas têm um tamanho médio de 2,5 x 2,5cm, mas também foram registradas conchas de até 4,5 cm. A **Pinctada** tem uma valva extremamente frágil, de maneira que a maioria dos exemplares foram encontrados muito fragmentados. Este fato determinou que as camadas com esse molusco aparecessem fortemente compactadas, mascarando a maior importância que ainda teve na alimentação.

Em segundo lugar aparecem dois gastrópodes: **Astrea latispina** e **Thais** sp., de 5 e 4cm. de comprimento, em média, respectivamente. A quase totalidade das conchas encontraram-se intencionalmente quebradas, provavelmente com um batedor de pedra, elemento que aparece no sítio, porém numa quantidade relativamente pequena com relação ao número de gastrópodes das várias espécies consumidas.

As valvas destes moluscos são bastante duras o que às vezes parece ter exigido vários golpes para extrair o molusco como o sugerem as fraturas em mais de um fragmento de cada concha. Foram encontrados inúmeros pequenos fragmentos.

A presença significativa do **Spondylus americanus** em praticamente todos os níveis pode dever-se mais a uma seleção preferencial do coletor da amostra na hora da escavação, que a uma real importância deste molusco na dieta alimentar. A concha do **Spondylus** é grande e dura, de modo que, os exemplares sempre inteiros, provavelmente atraíram mais a atenção da pessoa responsável por cada setor que outras conchas quebradas mais comuns. Contudo, um fato é certo: esse molusco aparece na maioria dos níveis do sítio, desde os primeiros momentos em que este foi habitado.

Nos momentos finais de ocupação do

sítio, seus habitantes lançaram mão de grande quantidade de recursos, muito mais variados que nos momentos iniciais. Provavelmente, isto deva-se a uma mais completa adaptação ao meio circundante e ao melhor conhecimento dos diversos nichos ecológicos que o integravam. Esses mesmos recursos quiçá sempre estiveram disponíveis, mas só vieram a ser aproveitados depois de certo tempo. Provavelmente, o aumento demográfico, manifestado pelo maior tamanho e densidade das camadas em direção ao topo do montículo, exigiu o aproveitamento de recursos tradicionalmente não explorados.

Mesmo sendo difícil calcular o volume de alimentos consumidos, a quantidade de restos de comida sugere certa fartura e um meio-ambiente relativamente generoso, sempre com possibilidades diferentes que o homem de Guaíba conseguiu, tecnologicamente, aproveitar na medida de seus conhecimentos.

TABELA 2
RESTOS DE OSSOS DE PEIXE EM GRAMA
SETORES F14 E G14

PEIXE NÍVEL	F14	G14	TOTAL	TOTAL DOS 4 NÍVEIS	%
0-10	650g	1.600g	1.250g		
10-20	1.200g	1.250g	2.450g		
20-30	850g	2.400g	3.250g	8.780g	55%
30-40	1.130g	700g	1.830g		
40-50	1.300g	600g	1.900g		
50-60	600g	500g	1.100g		
60-70	1.000g	750g	1.750g	5.700g	35%
70-80	450g	500g	950g		
80-90	600g	50g	650g		
90-100	150g	300g	450g		
100-110	100g	350g	450g	1.700g	10%
100-120		150g	150g		

TABELA 4
RESTOS DE OSSOS DE TARTARUGA EM GRAMAS
SETORES F14 E G14

TARTARUGA NÍVEL	F14	G14	TOTAL	TOTAL DOS 4 NÍVEIS	%
0-10	250g	200g	450g		
10-20	100g	500g	600g		
20-30	80g	150g	230g	1.380g	60%
30-40	50g	50g	100g		
40-50	150g	100g	250g		
50-60	100	5g	105g		
60-70		20g	30g	725g	30%
70-80	150g	200g	350g		
80-90	10g		10g		
90-100		150g	150g		
100-110	5g	10g	15g	225g	10%
110-120	50g	—	50g		

TABELA 5
RESTOS DE PINÇAS DE CARANGUEJO EM NÚMERO DE EXEMPLARES
SETORES F14 E G14

CARANGUEJO NÍVEL	F14	G14	TOTAL	TOTAL DOS 4 NÍVEIS	%
0-10	54	96	150		
10-20	23	40	63	316	63%
20-30	—	20	20		
30-40	69	14	83		
40-50	101	10	111		
50-60	20	10	30	178	35%
60-70	24	7	31		
70-80	1	5	6		
80-90	2	1	3		
90-100					
100-110	4	2	6	10	2%
110-120	1		1		

TABELA 6
RESTOS DE ESPINHOS DE OURIÇO EM NÚMERO DE EXEMPLARES

OURIÇO NÍVEL	F14	G14	TOTAL	TOTAL DOS 4 NÍVEIS	%
0-10	256	124	380		
10-20	40	31	71		
20-30				642	85%
30-40	185	6	191		
40-50	88		88		
50-60	8	3	11		
60-70	6	5	11	110	15%
70-80	—	—	—		
80-90	—	—	—		
90-100	—	—	—	0	0%
100-110	—	—	—		
110.120	—	—	—		

**ALGUMAS HIPÓTESES SOBRE OS
HABITANTES PRÉ-HISTÓRICOS
DE GUAÍBA**

Num momento ainda não definido, mas que tentativamente situamos no início da Era Cristã, um grupo de coletores de mariscos e pescadores atravessou de canoa o braço de mar que separa a ilha Gualba do continente. O mar devia estar entre 0,5 e 1m mais alto que na atualidade e batia praticamente na parte baixa das encostas dos morros que dominam a ilha, deixando apenas uma estreita faixa de praia de aproximadamente 30m. O grupo se assentou naquela praia que configurava uma pequena baía encerrada pelos paredões cobertos de densa vegetação, mais ou menos num ponto central dela. Muito próximo à água, tão próximo que em certa época, quando o mar elevou um pouco seu nível, invadiu as partes baixas do acampamento. Mas, depois dessa transgressão as águas começaram a recuar, a areia da praia ganhou terreno e a baía estreita e profunda foi desaparecendo até adquirir o aspecto de hoje, isto é, uma praia reta. Apesar disso o grupo não mudou o local do seu acampamento para acompanhar os vaivéns geológicos e permaneceu no mesmo

lugar já que os recursos alimentícios continuaram ao alcance da mão.

No início (níveis entre 0,80 e 1,30m) o grupo de pessoas parece ter sido reduzido ocupando apenas menos da metade da superfície total do sítio. Como alimento utilizaram quase que exclusivamente recursos que obtinham do mar, particularmente moluscos que não exigiam nenhuma sofisticação tecnológica, pois eram apanhados com a mão. Contudo, nesta época, os coletores de mariscos, seja por preferências culinárias, seja por disponibilidade ambiental, aproveitaram um número reduzido de espécies, mostrando pouca diversificação. Esta atividade de coleta foi complementada com a pesca, porém aparentemente praticada em pequena escala. Não há indícios suficientes para explicar quais as ferramentas utilizadas para a pesca, mas provavelmente os primeiros habitantes do sítio fabricavam uma espécie de farpa de arpão com uma espinha de peixe (Tipo V). O trabalho de desgaste realizado na epífise do osso parece ter tido a finalidade de formar uma concavidade que pudesse encaixar num cabo ao qual a ponta estava amarrada. A verdadeira ponta penetrante devia ser a extremidade aguçada do cabo de madeira e a espinha, com a ponta para cima, serviria para prender a presa depois de

espetada e evitar que escorregasse para fora da lança. Artefatos idênticos a este foram recolhidos em outros sítios litorâneos apresentando entalhes para amarre. Depois de testar as várias posições possíveis com relação a um cabo, a descrita acima parece ser a mais provável.

Ocasionalmente estes primeiros habitantes obtiveram algum outro tipo de recurso: há indícios de que uns poucos caranguejos e mamíferos terrestres pequenos foram capturados, mas não tiveram praticamente nenhuma significação na dieta alimentar. De vez em quando uma tartaruga também vinha a alterar, insignificadamente, essa dieta diária. Provavelmente o grupo consumiu também alguns vegetais mas os artefatos de pedra que podem estar vinculados ao processamento de vegetais estão ausentes do patrimônio destes grupos mais antigos da ilha.

Algum tempo depois (níveis intermediários entre 0,40 e 0,80m) aumentou consideravelmente o número de pessoas habitantes no local, a julgar pela maior superfície ocupada pelos restos. Neste segmento do depósito foram recuperados 115 pontas de osso, 15 vezes mais do que nos níveis mais baixos. Entre estes artefatos, o Tipo V continua a ser utilizado, alcançando grande popularidade e mostrando que tratava-se de uma ferramenta muito útil na vida quotidiana. Entretanto outros tipos de artefatos de osso são adotados, destacando-se particularmente os tipos VI e VII cuja extremidade arrebitada pode ter servido também como uma espécie de farpa para segurar a presa, tal como foi apontado para o Tipo V. Nestes níveis, também, aparecem pela primeira vez, embora em pequena quantidade pontas do Tipo I cujo orifício aumentado deve ter servido para passar uma corda e servir de agulha. Significativamente todos os tipos de pontas encontrados no sítio estão representados nestes níveis, mostrando uma diversidade tecnológica que deve estar relacionada com os diferentes usos ou funções para os quais estavam destinados. Conseqüentemente, podemos pensar que a fauna aproveitada também foi, neste momento, mais diversificada que na época anterior. Esta suposição pode estar avaliada pelo aumento, porém mínimo, de restos de fauna terrestre que como já dissemos, sempre teve pouca significação ao longo da história de ocupação do sítio. Entretanto, é possível que a maioria destes artefatos de osso fossem utilizados para a captura de peixes.

Provavelmente nesta época o peixe começou a ter uma importância maior que o mo-

lusco na alimentação dos habitantes da ilha. Já foi marcada a dificuldade em estabelecer a relação molusco-peixe e sua incidência na dieta alimentar, mas pensamos que para igualar o volume de carne de um peixe de médio porte (3-5kg), tal como está indicado pelo tamanho das vértebras encontradas, seriam necessários centenas de mariscos cujo peso individual não supera umas poucas gramas. Obviamente, estes deixariam um acúmulo considerável de cascas, enquanto o esqueleto do peixe ocuparia uns poucos centímetros dentro dos sedimentos. De uma maneira ou de outra, o certo é que o consumo de peixe aumentou sensivelmente durante esta época dos níveis intermediários, uma vez que foi recuperado, em peso, aproximadamente quase duas vezes e meia a mais de ossos de peixe que nas camadas inferiores (5.700g contra 1.700g).

Os moluscos marinhos entretanto continuavam a ser intensamente explorados, aumentando a variedade de espécies procuradas, 19 contra 12 dos níveis inferiores, muitas delas, porém, representadas por uns poucos exemplares. A *Pinctada imbricata* continua a ser o preferido ou o mais disponível, observando-se também que os gastrópodes mais abundantes continuam a ser os mesmos que nos níveis anteriores.

Durante esta época começou-se a utilizar o ouriço como um alimento que até este momento não tinha sido aproveitado. Sua presença, em forma de espinhos, aumentou paulatinamente com o decorrer do tempo de ocupação. O consumo de caranguejo, que antes constituiu um alimento eventual, passa a ser agora uma comida permanente e de crescente importância. O mesmo pode-se dizer da tartaruga que está presente em todos os níveis intermediários e em praticamente todos os setores.

O consumo de vegetais neste período continua a ser hipotético a não ser que vinculemos três instrumentos líticos do tipo alisador ao processamento de alimentos dessa origem.

As partes superiores do depósito (níveis 0-40cm) estiveram ocupadas por habitantes que não parecem se diferenciar especialmente dos anteriores, a não ser pelo maior uso que fizeram de instrumentos líticos (80% do total do setor 14G). Estes instrumentos podem estar sugerindo um maior consumo e um melhor aproveitamento de recursos vegetais. Provavelmente, trata-se de ferramentas vinculadas ao processamento de alimentos dessa origem, já que é improvável sua utilidade em relação a outros recursos alimentícios (moluscos ou peixes). Não foi possível definir qual a verda-

deira importância destes vegetais e em qual proporção eles entraram na dieta total. Provavelmente nunca, neste sítio, chegaram a ameaçar as outras fontes de comida mas, certamente, trata-se de um elemento novo (pela intensidade) dentro do padrão econômico. Sem dúvida, estes derradeiros habitantes do local recoletaram mais plantas do que o fizeram seus antepassados.

Contudo, a coleta de moluscos e a pesca continuaram a ser as atividades econômicas principais. As espécies de moluscos recoletados aumentam agora para 23, mas *Pinctada imfericata* e *Astrea* sp continuam a ser as mais procuradas. Na pesca se produz um aumento significativo de 20% com relação aos níveis intermediários, sugerindo a incorporação de maior destreza nas técnicas de pesca por parte dos povoadores. Entretanto, o número de pontas diminui ao tempo em que alguns tipos (V e VII) passam a ser menos populares e outros mais freqüentes (III e IX).

Com relação aos outros recursos explorados, que podemos chamar de secundários, se produz neste momento um verdadeiro salto. O aproveitamento da tartaruga duplica-se, o mesmo acontecendo com o caranguejo, em tanto que o consumo de ouriço aumentou quase seis vezes, com relação aos ocupantes dos níveis intermediários. O mesmo parece acontecer com os restos ósseos de mamíferos e aves, mas pelo fato das peças estarem muito fragmentadas resulta impossível dizer qual é a verdadeira proporção deste aumento. Por outro lado estas últimas espécies continuam a estar insignificantemente representadas.

No nível superficial ficaram abandonados uns poucos restos deixados por habitantes tardios que parecem ter se fixado a uns 150m deste sítio pré-cerâmico. Trata-se de fragmentos de cerâmica de chamada tradição neobrasileira, misturados a cacos de vidro moderno, pregos e pedaços de metal, pertencentes, sem dúvida a sucessivas passagens de grupos desde a época colonial até hoje. Obviamente nenhum deles é considerado aqui como responsável pelos depósitos arqueológicos por nós escavado.

BIBLIOGRAFIA

1. GABEL, Creighton. *Analysis of prehistoric economic patterns*. 1982.
2. GARCIA, Caio del Rio. *Estudo comparado das fontes de alimentação de duas populações pré-históricas do litoral paulista*. 1972. mimeogr.

3. HEREDIA, Osvaldo R. *Relatório interno: as populações pré-históricas do Estado do Rio de Janeiro e sua articulação ambiental*. FINEP/UFRJ, 1982. mimeogr.
4. HOLE, F. & HEIZER, R. F. *An introduction to prehistoric archeology*.
5. ILANNERY, Kent V. The archeological household cluster in the Valley of Oaxaca. In: *The early Mesoamerica Village*. p. 25-7.
6. LAMEGO, Alberto R. *O homem e a Guanabara*. 1964. p. 131-5.
7. SEMENOV, S. A. *Tecnologia prehistorica*. Madrid, Akal, 1981.
8. SOUZA, Alfredo M. Pré-história de Parati. *Nheengatu*, 1 (2): 47-51, 1976.
9. SUGUIO, K., FAIRCHILD, Thomas R.; MARTIN, Louis & FLEXOR, Jean-Marie. *1978 International Symposium on Coastal Evolution in the Quaternary*. The Abstract: Le Quaternaire marin du littoral brésilien entre Cananéia (SP) et Barra de Guaratiba (RJ). 1979. p. 297-8.

RESUMÉ*

Étude du site archéologique situé à Guaíba, île qui appartient à Mangaratiba, village dans la banlieue de Rio de Janeiro. Des extrapolations préliminaires ont été faites sur les quatre aspects abordés: la fonction des objets fabriqués rencontrés, le régime alimentaire, l'utilisation des différentes niches écologiques et la densité de population. Le premier aspect fut traité à partir des matières présentes, telles comme la pierre, la coquille, la dent et l'os, étant donné que cette dernière fut la plus fréquente. Pour le second aspect, nous sommes restés bornés presque exclusivement aux ressources marines (mollusques et poissons) ce que, évidemment, a limité aussi l'analyse du profit des niches. Et pour en finir, l'intensité des occurrences des restes alimentaires nous a fourni des indices de la densité de population dès la première occupation jusqu'à son abandon avec la possibilité, peut-être aux temps historiques.

* Versão: Maria de Lurdes Lemos.

ABSTRACT

Study of the archaeological site placed in Guaíba island, Mangaratiba, Rio de Janeiro. Preliminary extrapolations were done for the four examined aspects: function of the artifacts, alimentary diet, utilization level of the different ecological niches and population density. The first topic was considered starting from the present raw material, such as stone, shell, tooth and bone, the last one being the most frequent. As to the second, we had to restrict almost exclusively to the marine resources (mollusks and fishes), and this has clearly limited the analysis of the exploitation of niches. Finally, the intensity of occurrence of food refuse has provided indications about the population density, since the first occupation until its abandonment, possibly already in historical times.